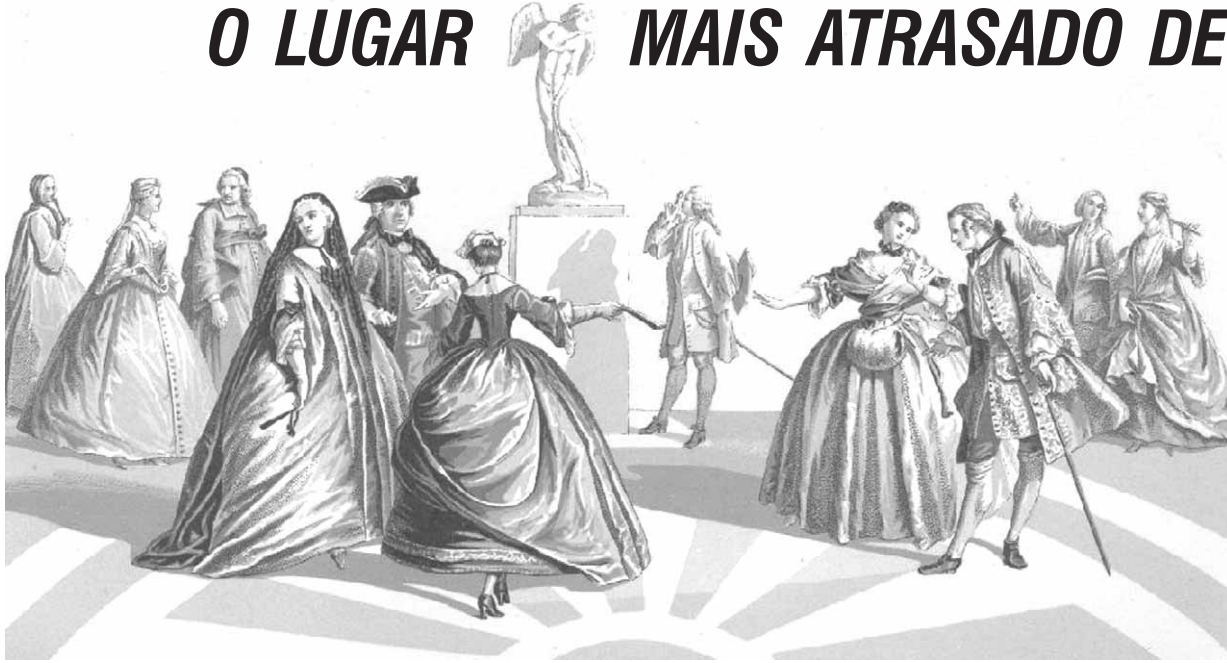




O LUGAR MAIS ATRASADO DESTE PAÍS



Marcelo Procopio: Quando o Chico Buarque lançou o disco *Carioca* no ano passado, deu uma coletiva. Estavam lá todos os jornalões, *Folha*, *Globo*, *Estadão* para ver se ele ia dar um pau no governo Lula, e ele fez justamente ao contrário. Disse que votaria novamente no Lula, que a elite brasileira deu uma chance para um cara que saiu da senzala de entrar na casa-grande, e depois disseram: não queremos mais você aqui. Isso a gente vê na mídia, no movimento *Cansei*, o que a *Carta Capital* chama de “rebelião dos abastados”. Como você vê isso tudo?

Aurora: Do ponto de vista de alguém que passou algum tempo refletindo sobre política brasileira na universidade, eu acho que o governo Lula é com certeza um avanço e uma novidade. Cada vez mais eu acho que é bom que tenha chegado ao ponto a que chegamos, contra o que é interesse dessas elites, porque nós temos séculos de descaminhos, de corrupção, de falta de espírito público, de todo tipo de lambança que as elites fizeram. Tiveram tempo de sobra para fazer algo que revelasse um mínimo de compromisso com o país. Nunca fizeram. Então seria de esperar que acabasse desse jeito. Até aí não vejo nenhuma novidade. Dizer que nunca houve corrupção é bobagem. O PT não inovou nisso, fez o que já estava aí.

MP: E era o que se esperava que não fizesse...

Eu até esperava que o pior do governo Lula fosse a trapalhada do PT. Isso estou dizendo, mas não quero comprar mais briga nessa altura do campeonato (risos). Não estou mais fazendo questão de marcar posição, mas minha experiência com o PT foi como a longa experiência que tive com os comunistas. Você tem que dar o apoio sabendo que depois ainda vai ter que ficar numa posição extremamente desagradável de ser questionada por coisas que acontecem. O que acho mais incrível no PT é uma incapacidade do partido atuar politicamente. Acho que o governo Lula está mostrando que o atraso está na concepção de política que o Partido dos Trabalhadores tem. Não acho que tenham conseguido se dar conta da importância da transformação do próprio partido na conjuntura do Brasil com a eleição do Lula. A reeleição do Lula claramente foi uma opção dos trabalhadores, das camadas populares. Porque é a primeira vez na história desse país que você tem realmente uma guinada no sentido de políticas sociais, que muitos chamam de assistencialistas e eu não acho que elas sejam. Acho que é uma necessidade concreta, decorrente do grau de abandono das camadas populares ao longo de todo esse tempo.

MP: Você fala dos programas de governo?

É mais. É compreensão da política, mesmo. Falta pensar a governabilidade de uma maneira mais abrangente, em vez de pensar em simplesmente ter um Congresso a favor. Houve uma estreiteza enorme em não reconhecer o momento como uma oportunidade única de também ir levando a transformação das discussões políticas na direção do Estado liberal, democrático, no caminho de uma social-democracia.

MP: E havia condições de fazer isso...

Eu acho que podia ter sido muito melhor. Antes o PT discutia se deveria disputar eleição ou não. Então pra que o partido existe? Eu estava preocupada com essa falta de visão política. Porque o PT sempre teve aquela quantidade de grupos internos, com perspectivas diferentes, e a dificuldade administrar aquilo é enorme. Então tinha programas revolucionários, socialistas no sentido mais estrito (como é o pessoal que está no PSol hoje: que presta um grande serviço do ponto de vista do Congresso, mas que realmente é um desastre de outro ponto de vista).

Beto Vianna: E quando a gente diz que tem qualquer posição contrária, acaba favorecendo esse pensamento único da mídia.

Favorece exatamente por essa indisposição que volta e meia eles conseguem estabelecer com a mídia.

MP: Mas a mídia também tem uma indisposição com o PT.

Mas eu acho que a culpa em parte é do próprio PT, porque logo que o Lula assumiu as coisas começaram a funcionar bem, então a gente via gente na mídia que não tinha nenhum motivo para aplaudir, mas que se controlava e admitia. Os primeiros escândalos foram abrindo brecha para

**COMO AS ELITES SE COMPORTAM?
CADA UM QUER O SEU, TIRA O SEU
POUQUINHO E NÃO TEM NEM CAPACIDADE
DE SENTAR PARA FAZER UMA
NEGOCIAÇÃO QUE BENEFICIE O OUTRO.**

Maria Aurora de Meireles Rabelo, professora do Departamento de Ciência Política da FAFICH/UFMG por vários anos, é uma intelectual orgânica: trocou a academia pelo paisagismo e produz a cachaça artesanal Bento Velho, em Conceição do Mato Dentro. Em entrevista para O Cometa, Aurora fala das elites, do Jequitinhonha, do Lula e do PT. Darcy Ribeiro cutucou Gilberto Freyre por colocar a “tese da selvageria atávica dos brasileiros” a serviço do reacionarismo. Sincera, Aurora faz aqui o mesmo com o cansaço das elites: compreensível, mas muito feio.

uma campanha oposicionista e aquela vontade de não enxergar nada de bom que está sendo feito, como o programa social pra valer, a redistribuição de renda. Agora, pensar no Brasil como alguma coisa que a gente vai mudar da noite pro dia é impossível, se nós não estamos falando de revolução, se estamos falando de um processo certamente longo e penoso de democratização das próprias instituições. E o que a gente está vendo é uma dificuldade de colocar essas instituições numa outra perspectiva.

BV: Aqui não tem a oposição de direita nem de esquerda que tinha no Chile, em 73, e isso não é pra dizer que o Allende era mais avançado, não faço essa comparação. O que vejo é que o problema aqui podia ser menor e o governo continua funcionando dentro da estrutura de poder que sempre existiu. Esse nó não está sendo desatado.

O nó não é desarmado exatamente porque o PT, ao invés de tentar modificar isso e criar uma outra circunstância, entrou no jogo, o que é inadmissível. É claro que você tem que ter aprovação no Congresso, mas se é pra valer mesmo, mudar a natureza das instituições e o seu funcionamento, certos acordos são impossíveis. Eles acabaram por travar. Foi muito mais fácil fazer uma política macroeconômica e redirecionar o processo de acumulação do que democratizar as instituições e transformar politicamente o país. O nó é a política. Quando tinha um ano de governo Lula, eu falei com algumas pessoas: eu agradecería o Zé Dirceu, o Palocci e o Meirelles e chutava pra cima. Para fazer outra coisa, aproveitando toda a circunstância que estava ali. É claro que ninguém vai pensar numa coisa de radicalizar não, porque já estava globalizado.

MP: É. O Fernando Henrique se incumbiu disso. Tornou mais difícil...

...qualquer coisa que fosse um projeto tipo Allende. Não era isso que estava rolando. Então acho que foi tudo acertado. O começo apontava uma possibilidade que depois foi se frustrando no próprio jogo da política.

MP: Outro dia Lúcia Hipólito disse que agora todos culpam as elites pela situação. Só que as elites dos cantores, dos artistas, ou parte delas, estão jogando no “fura Lula”, estão com a elite econômica.

A gente está falando das elites, mas acho que há um grande ressentimento das classes médias. Porque foram

prejudicadas. Mas isso começou no governo Fernando Henrique. Até no Collor, se a gente quiser voltar um pouco mais. Há esse ressentimento das classes médias e isso não foi bem analisado. Aí é um pouco de miopia política do próprio PT.

BV: E a gente vive o mito de uma classe média no Brasil que não gosta de corrupção, que é bem capitalizada pela mídia.

E ela também participa, tem a mesma experiência emocional desse ressentimento. O problema da corrupção fica complicado, porque resvala freqüentemente para o moralismo. Isso é muito fácil. Acontece que a corrupção no Brasil não é um problema moral. É fruto do sistema político e tem uma capilaridade imensa e que foi reforçado pelos anos todos de ditadura, que a gente não conseguiu ainda, até pela maneira nossa de resolver problema, encarar de vez. Então o governo Lula não inaugurou nada nesse aspecto. Foi lamentável que tivesse entrado nesse jogo também. Agora é difícil avaliar o que ele teria encontrado de resistência, se tivesse se negado a entrar no jogo. Mas teria sido melhor com certeza, porque o apoio popular já estava garantido. Deveria ter insistido por aí. Até mesmo pra poder deixar claro como é que esse sistema funciona.

BV: Isso deve ser um problema meu, que sou brizolista (risos), mas o Darcy Ribeiro estava certo quando falava que a gente tinha que resolver o problema da educação, botar dinheiro de verdade, e não fazer essas escolas sustentadas sem dar os instrumentos pra todo mundo participar de igual para igual. Você não acha que o PT continua uma política educacional que vem até de antes da ditadura?

Acho. E acho também que o Brizola e o Darcy estavam cobertos de razão com a ênfase que eles sempre deram a isso. Hoje a gente sabe. O problema é que naquela ocasião, ainda não era tão obvio como é hoje, que a única saída é essa. Isto era claramente considerada como uma prioridade no campo liberal: aquela história de igualdade de oportunidades tava dentro do campo do liberalismo. E havia uma resistência à esquerda a esse tipo de situação, e por outro lado ao brizolismo, mais que ao Darcy. Porque o Darcy era o intelectual que estava nesse grupo, em função da educação que sempre foi o prato dele. Só que a questão da política também permanece, o problema é o mesmo. Porque por outro lado, para conseguir ganhar a eleição e governar, se fizeram vários acordos e concessões que mantinham o resto todo funcionando na mesma lambança de sempre.

BV: Agora estão surgindo vários projetos de escola em tempo integral, mas com o discurso de que não precisa gastar muito nessa escola, como se escola entrasse no mesmo espaço da economia sustentável...

Infelizmente esse treco de não ter prioridades muitos claras e pouca ousadia, acabou deixando esses dois problemas, na saúde e na educação. É claro que o programa do Bolsa Família é muito bem feito, extremamente importante, e quem tem um mínimo de contato com o brasileiro que está fora das metrópoles, sabe no que isso resultou.

BV: E eu nem coloco a educação em oposição a esse programa. Ao contrário, os dois são necessidades urgentes.

Mas não foi prioridade, como a reforma agrária também não foi.

BV: No seu mestrado você trabalhou em Capelinha...

Foi. Trabalhei no Jequitinhonha. E ainda trabalhei no MG2, que era o programa de refazer o material de escolas



para o estado todo. Um programa muito grande, financiado pelo Bird, que botou um monte de dinheiro e não resultou em nada. A pesquisa foi totalmente inutilizada. Isto é lamentável.

BV: Como foi essa pesquisa?

A idéia nasceu de uma perplexidade com os projetos de reflorestamento daquela região mineira, que desestruturaram completamente a região, e parte da esquerda entrou junto com as grandes empresas de reflorestamento. Acreditaram que ia mudar a vida das pessoas e acabou mudando mesmo, para pior. Porque desorganizou tudo, expulsou o pessoal da roça, eles perderam o pouco de independência que tinham e favelizou tudo. O reflorestamento pegou as chapadas, que tinham uma relação sistêmica com as grotas. Moravam nas grotas onde estavam a casa e o quintal, como eles diziam, e nas chapadas ficavam os recursos: a lenha, os pequis, plantas medicinais e tudo mais. Plantavam nos quintais, tinha um arroz, vaca dando leite. Havia uma relação estreita entre os dois espaços, que foi cortado com o reflorestamento de eucalipto. Eles usavam como desculpa a celulose, mas foi um grande processo de expropriação.

MP: Nos anos 80 andei viajando por Itamarandiba, Capelinha, Minas Novas, e vi justamente isso que você está falando: as pessoas sem suas terras (vendidas sabe-se a que preço), monocultura e todo mundo indo pras cidades, onde não havia trabalho.

No começo trabalhavam no reflorestamento, depois isso foi diminuindo e as empresas expulsaram as pessoas, porque uma vez implantado, o sistema funciona praticamente sozinho. Precisa apenas um batalhão contra formigas e mais nada. E você combate a formiga na chapada e ela desce e vem comer a roça. Eles não tinham condições de enfrentar esse ataque. É aí que vem a história das elites. Como as elites se comportam? Cada um quer o seu. Não tem nem capacidade de sentar para fazer uma negociação que beneficie o outro. Já que não vai conseguir impedir que a companhia se instale, que consiga estabelecer compromisso para beneficiar o lugar. É o que chamo de falta de espírito público. É um mal enorme, não é fácil de discutir isso e não há mecanismo para fazer a coisa funcionar. A escola, a educação no sentido mais amplo, é um processo demorado e caro, que não está nem começado. E é o único antídoto que você tem em relação a isso.

OS PRIMEIROS ESCÂNDALOS FORAM ABRINDO BRECHA PARA UMA CAMPANHA OPOSICIONISTA E AQUELA VONTADE DE NÃO ENXERGAR NADA DE BOM QUE ESTÁ SENDO FEITO, COMO O PROGRAMA SOCIAL PRA VALER, A REDISTRIBUIÇÃO DE RENDA.



BV: E botar dinheiro na escola de primeiro grau e não só na universidade pra esse pessoal que já está com este discurso...

E cheio de frustrações. Apesar disso tudo eu tenho compreensão com o Cansei, mas é compreensão crítica. Porque eu acho que vai demorar, mas a gente está num processo de democratização das instituições. Com esses embates todos, as coisas têm avançado. Estou de acordo com o Chico Buarque nesse sentido. Não tem nada melhor, não tinha outra alternativa. Não tinha. Eu sou otimista, mas eu também estou cansada, pois tinha obrigação de ser melhor. E não podia ter entrado nessa onda de caixa 2.

MP: No Bolsa Família, o Patrus diz isso, o cara ganha até R\$112 por mês e os filhos têm que ir à escola e ter uma freqüência mínima, é um ponto positivo. Só que, como você falou, a escola não mudou.

Tem um automatismo nessa Bolsa, que ultrapassando a renda mínima, as pessoas vão sendo cortadas. Não é assistencialismo, é fundamental.

MP: E essa conversa de que o cara se acomoda com 112 reais... se conseguir um emprego de salário mínimo que seja, vai preferir o trabalho.

Claro. E mesmo com R\$380 ele ainda vai continuar a ter Bolsa Família, pois tem muitos filhos. E tem uma parte da chamada elite que se recusa a assinar carteira, não está pensando no desenvolvimento do trabalhador.

MP: A classe média, o empresariado, não quer dividir o bolo, aumentar salário. Isso pra mim é uma visão burra. Povo mais educado recebe mais, produz mais, gera mais dinheiro pro patrão.

Mesmo que se não ficar mais rico, acho que a gente vai viver melhor. Não vamos mais viver pressionados como hoje. Aquele pequeno bolsão de abastados e de outro lado aquele mundo de gente pobre. Porque a classe média só quer privilégio. Se o país é tão desigual e ninguém contesta isso, não tem como diminuir as diferenças. E é isso que o governo Lula fez. Esse Cansei é fruto do ressentimento da classe média. De perder um pouco dos privilégios, aliás, ainda tem muitos. Está perdendo porque tem que se tirar de algum lugar. Se nós não estamos fazendo revolução socialista, então é por aí mesmo que vai ter de ser.

MP: Se você pudesse, o que você modificaria na história do Brasil?

Acho que a gente deveria discutir política. E falta essa discussão, porque se trata de democratizar as instituições. Agora está todo mundo feliz porque o Supremo acolheu as denúncias para investigar. A gente está louvando um tribunal, cuja obrigação é essa mesma. Cabe ao síndico ser honesto. Então não há alternativa agora a não ser estabelecer prioridades pra valer. E um dos problemas do governo Lula é que a educação, a saúde e a reforma agrária foram para segundo plano. Todos os países que conseguiram dar saltos fizeram um grande programa de acabar com a ignorância. E se é uma prioridade, esse dinheiro tem que ter. Isso é sério. E você não tem crescimento sustentável com uma população que vai nesse tipo de escola. O enredamento político do governo traz um desgaste de energia enorme. Desde maio estamos discutindo Renan Calheiros. Não faz nenhum sentido.

BV: E a crise aérea, você acha toda essa discussão importante?

Acho. Porque isso só mostra que nós temos problemas



estruturais e não é só aéreo. Todo o sistema de transporte do Brasil está sucateado há muito tempo. Não foi equacionado antes, e agora esta estourando e vai estourar mais coisa por aí.

MP: No dia do acidente da TAM em Congonhas, como disse a Marilena Chauí, a mídia, antes de saber as causas, já afirmava que o governo tinha assassinado 200 pessoas.

Simplificam demais a questão e estão realmente jogando a culpa no governo de maneira indiscriminada. O que temos que discutir, na minha opinião, é o problema das instituições, porque as instituições políticas no Brasil sempre funcionaram muito mal do ponto de vista do governo. Essa vontade de ficar culpando o governo não adianta nada, não elucida nada. Nós temos que discutir representação, sim. Não se faz a reforma política, a reforma trabalhista, tributária. Então a política tá segurando o resto, e eu acho que a política hoje é o lugar mais atrasado desse país. Isso dá margem às elites e à mídia de falar mal do governo, de dizer que hoje nós temos uma corrupção maior que sempre. Isto nem é verdade e nem vai resolver problema. Um coisa que me causa mal-estar é que o Lula foi bastante desrespeitado pelo próprio partido. O Lula é um operário, um cara que não tem formação universitária. As elites sempre falaram isso. Quando ele conseguiu superar o escândalo do mensalão e se reeleger, isso deu a ele um descolamento do partido, e conseguiu salvar a situação praticamente sozinho. Mas os grandes intelectuais de esquerda não respeitavam o operário suficientemente para evitar o tipo de coisa que eles fizeram. É operário, é muito legal, com ele a gente ganha eleição, mas também se suspeita da capacidade dele. No escândalo do mensalão, foi aí que ele passou por cima do partido. Até então ele estava dentro daquele bolo dos caciques, que tinham autonomia. O Zé Dirceu representava isso, tinha total controle e independência de julgamento, de decisão. Acho que o PT enfraqueceu tanto o Lula no primeiro mandato, que praticamente forçou o Lula a fazer alianças cada vez mais indiscriminadas, focadas na questão da governabilidade nos termos mais estreitos. Por isso que falo que a grande culpa da situação do governo Lula se deve ao próprio PT. A gente costumava, em particular, dizer que o problema maior do Lula seria com o partido dele. Sempre achei isso, pelos tantos grupos e por uma ótica um pouco estreita da questão política, que vem das contradições da esquerda, de minimizar a importância dos processos democráticos nesse tipo de estado de direito, que afinal de contas, é o que está aí. E aperfeiçoar isso e acabar com os ranços que a ditadura criou, porque isto não acabou ainda não, e se a gente não consegue reformar a representação... E esta desmoralização das instâncias políticas agrava a situação e não surgem novas lideranças. Lula é a grande estrela e isolado. E como ele é um cara sindicalista e grande negociador, que se fez nisso, é o que tem salvo a atuação dele. Ele tem juízo e bom senso o suficiente para sentar numa mesa de negociação sem querer ganhar tudo. É uma pessoa tolerante por natureza. E sensível. Mas é a tal história, precisava realmente de um homem do povo para ter sensibilidade e não perder completamente o rumo. Porque isso ele não perdeu, e continuou insistindo naquilo que era a questão essencial para ele que se comprometeu desde o começo. Ele disse, eu quero combater a fome, eu sou fruto disso. Só que, lamentavelmente, aquilo que era para alavancar o país e colocar a política num outro patamar, não aconteceu.

BV: Ainda acho que a educação é o maior nó na política do país.

Eu acho que é o nó, mesmo. Mas é o povo, o que nós chamamos de povo, que tem as piores escolas, nesse interior do Brasil. A escola é tão ruim, é tão feia. Costumo dizer o seguinte: vamos apostar no que é bonito, porque tudo o que é bonito é necessariamente bom e não tem nada mais feio que a escola no interior desse país. Fico deprimida



quando vejo essas escolas. Política, pra mim, é você ter metas de melhoria de convivência da sociedade. Se nós estamos numa democracia, você tem que planejar politicamente. Quando falo de resgatar a discussão política é resgatar metas de convivência social adequadas.

BV: Porque esse é um negócio emocional também, né?

Sim. Nós queremos viver melhor, o que precisamos para viver melhor? Precisa comer, sim. Parece que é mais fácil resolver isso que dar o outro passo, né? Porque aí tem que desmontar um monte de privilégios. Por isso que eu falo que a corrupção é um subsistema político. Não é uma questão moral. De jeito nenhum. É uma questão que tem de ser resolvida politicamente. Como é que faz? Desmoralizar as instituições políticas é a pior coisa que pode acontecer com este país hoje. Não interessa a ninguém.

A gente saiu de uma ditadura, que obrigava a simplificar a discussão. Porque a ditadura coloca um nível de proibição tão grande que você simplifica a discussão, porque não dá para despender tanta energia num monte de picuinha. Tinha, também, mas você era obrigado a um mínimo de juízo, de sensatez. Agora ficou a nau dos insensatos. Porque você não sabe na verdade: e o PT com o PMDB? Mas a aliança, digamos, natural entre aspas, tinha que ser entre o PT e o PSDB. E no entanto a gente viu o PSDB se aliar ao PFL na eleição do Fernando Henrique, que foi uma das coisas mais esdrúxulas do mundo. Isso pra mim é falta de espírito público, de compreensão da situação do país. Porque o projeto de social-democracia não tinha justificativa programática nenhuma pro PSDB se aliar ao PFL. Aquilo me chocou profundamente. Aí alguns diziam que iriam votar no Fernando Henrique, mas o outro lado da moeda era o Marco Maciel. Vai votar nisso? Não faz sentido. E o país mudou tanto que você tem o PT e o PSDB: situação e oposição é entre esses dois partidos. Melhor que antes.

MP: Tem uma coisa que começou aqui em Minas, que é a aproximação entre o prefeito Fernando Pimentel e o governador Aécio Neves. Isso parece que tem crescido. Fala-se inclusive que o Aécio iria pro PMDB, para sair candidato apoiado pelo PT e pelo Lula, em 2010.

Depende do que vier. Eu dizia que a aliança que se esperava seria entre PT e PSDB. Não teve. A gente tem que discutir política, tem que ser em cima da realidade da aliança que for montada, porque aí dá para saber se é séria, ou se é só uma coisa eleitoreira. Saber quem é capaz de ter hegemonia sobre isso, quem vai estar subordinado, quem vai mandar. Porque discutir assim parece uma coisa eleitoreira mesmo: vai o Pimentel para governador, Aécio sai pra presidente. Aí é coisa de Minas. E não é uma coisa muito avançada, não. Fica essa de coisa mineiros versus paulistas.

NÃO SE FAZ A REFORMA POLÍTICA, A REFORMA TRABALHISTA, TRIBUTÁRIA. ENTÃO A POLÍTICA TÁ SEGURANDO O RESTO, E EU ACHO QUE A POLÍTICA HOJE É O LUGAR MAIS ATRASADO DESTES PAÍSES.

E com todos os problemas, Minas, se está em cima do muro como dizem, está no melhor lugar para ver dos dois lados.

MP: E, pelo menos teoricamente, a mídia seria o melhor lugar para nos informar sobre os fatos e discutir, analisar. Mas não é.

Durante muitos anos a gente achava que a universidade era lugar de discussão, depois a gente descobriu que não era. Tem este esforço que vocês e outros estão fazendo, mas é um esforço minoritário. A grande mídia é uma corporação, como diz o Chomsky.

BV: Mas quando a corporação assume só essa postura é um problema. Vira um veículo exclusivo pra determinados interesses pessoais.

Só que esse Brasil mal-educado no sentido próprio, mal escolarizado, não se submete à mídia. Eu vi lá na roça, no segundo turno, gente falando assim: podem falar o que quiser do Lula, mas eu voto nele. É um efeito com que a mídia não contava. A mídia achava que iria influenciar em tudo e a todos. Isso na ditadura funcionava. É por isso que eu digo que é preciso começar a tirar proveito do estado democrático de direito. Ter um pouco de visão de longo prazo. De consideração pela cidadania. De espírito público.

BV: A mobilização das elites acaba virando contra elas mesmas.

Houve uma reação muito interessante na segunda eleição do Lula, as pessoas não estavam preocupadas com esse tipo de discussão.

MP: Tem uma frase interessante que saiu num jornal, depois da vitória do Lula, que falava que “o povo votou contra a opinião pública” (risos). E a opinião pública é a mídia, né?

Só pode ser. Eles estavam falando para eles mesmos.

MP: Diz o Millôr Fernandes: “Opinião pública é a opinião que se publica”.

Esse é um tipo de expressão dessa situação nossa. Porque as pessoas não estão assistindo televisão e lendo o que nós lemos. Hoje estão trabalhando, cuidando da sobrevivência e avaliando a partir da experiência imediata que eles têm. No começo, lá na roça, eu provocava as pessoas e elas começavam a falar mal do Lula. Ficavam dando satisfação à mídia. Mas se eu dava a entender que eu ia votar no Lula na segunda eleição, eles começavam a se manifestar, dizendo: ah, a gente vive muito melhor agora. Então eles sabem muito bem. Essa é a diferença: pesquisa no tempo da ditadura tinha um sentido e agora tem outro. Mas a falta de espírito público é a mesma, e contaminou um monte de pessoas que a gente pensava que não iam entrar nessa. Pra mim, a experiência mais amarga foi constatar que o desprezo pelas instituições e pela independência de julgamento da massa da população não era privilégio da direita tradicional. Amarga frustração de descobrir que isto era um insolente desprezo pela reflexão das pessoas. Confundir falta de educação formal com incapacidade de avaliação. Porque o que você espera quando a ditadura termina é a recomposição do espaço público. O respeito pela opinião dos diversos segmentos. Mas por outro lado sou otimista, sabe? Foi melhor, votei nele todas as vezes que ele se candidatou. Acho que era a melhor decisão. Acho que o país melhorou. Mas podia ser muito melhor e havia condições para isso.

MP: Você acha que de alguma maneira essas políticas sociais vão se consolidar, mesmo que venha outro governo?

TODOS OS PAÍSES QUE CONSEGUIRAM DAR SALTOS FIZERAM UM GRANDE PROGRAMA DE ACABAR COM A IGNORÂNCIA. E SE É UMA PRIORIDADE, ESSE DINHEIRO TEM QUE TER.

Acho que vão se consolidando. Como indivíduo a gente pode até estar cansado, porque esse país cansa. Tem muito retrocesso.

MP: Como diz o Caetano: “Tudo demorando em ser tão ruim”.

Então tem o lado Chico e o lado Caetano (risos). Mas tem coisas novas que são importantes, e precisam ser preservadas. Não dá para jogar tudo no lixo.

BV: E chamar de assistencialismo, como se o povo não passasse fome.

MP: Até porque esse negócio de distribuir renda não é novidade. Os países nórdicos fizeram e fazem até hoje.

E fizeram as reformas que nós não fizemos. O cansaço é porque você perdeu uma chance de se sair melhor. Podia ser mais claro, ter colocado publicamente as dificuldades para que as pessoas pudessem refletir, e não ficar acobertando coisas, fazendo acordo. Enfim, de toda maneira avançou, e tá melhor do que estava antes. Não é pouco não.

BV: Uma meta-pergunta: você acha que vale a pena essa discussão do Cometa sobre Casa & Grande Senzala ou você também cansou disso?

Que é preciso discutir, é. É preciso colocar essa discussão em público, denunciar esse tipo de coisa, essa incompreensão da circunstância que a gente tem, de dar saltos coletivos, de melhorar o ambiente de vida. Mudar de experiência. Mas eu cansei porque as pessoas não estão dispostas a ceder nada. Esse efeito do ressentimento das classes médias, que está também nos artigos dos jornais, está criando um ambiente muito negativo. Que só vê o que está ruim, se recusa a ver as coisas que são boas, porque não são boas para eles. Este é um país que só vive de privilégios...

MP: Antes da entrevista, você chamou as elites de “tubarão de aquário”.

É, só são grandes porque vivem dentro de aquário. É melhor ir logo pro mar, não é não? Porque tem que ter um recurso social, que não seja só na casa-grande, e acabar com a senzala de vez. Abre a casa-grande, deixa todo mundo entrar. Você vai se divertir muito mais. Porque você vai encontrar todas as comunidades de falantes. Com um você fala uma coisa, com outro você faz outra. Vai ter de tudo, você escolhe. Nossa sociabilidade encolheu muito. É difícil ficar só em shopping center, em condomínio. O único lugar em que se mistura é nos estádios de futebol.

BV: Isso pra vocês, que são atleticanos. Como eu torço pro América...

Por falar em elite, né? (risos)



Meu primo Atualpa

SULAMITA ESTELIAM*
RECIFE

O Cometa que me perdoe, mas não dá pra levar a sério um movimento (!?) liderado por um promotor de desfiles de cachorros. O que é pior – e aí, sim, grave: atapetado pelo sangue das vítimas e pela dor de quem perdeu familiares ou amigos no desastre com o voo Airbus 320 da Tam, em 17 de julho, em Congonhas.

Definitivamente, a Avenida Paulista continua a mesma. Ainda bem que o povo brasileiro, em sua maioria, não é o mesmo de em 1964.

Não conheço a biografia e as origens de João Dória Jr. Só sei que ele é habituê do Castelo de Caras – uma espécie de spa, acho que na França, para gente cansada de fazer compras na “Oscar” Freire, degustar Don Perignon e sentar no sofá da Hebe. É que, ultimamente, entrei no rol dos que freqüentam consultório dentário – uma puta ascensão num país de banguelas -, local onde a tal revista abunda feito cupim em telhado de pobre, com teto.

É isso aí: quem nasceu pra lambari nunca chega a robalo.

Agora, que é um desperdício de energia travestir Ivete Zangalo em amazonas pós-Daslu, lá isso é. Não há poeira que levante quando Hebe Camargo, Regina Duarte e Ana Maria Braga posam, juntas, de musas. Está mais para réquiem. Só faltou chamar o Alemão, aquele ex-bigbrotheriano com cara de pastor de mesmo nome, celebridade instantânea sem pedigree. Desconfio que seu milhão, prêmio de 70 dias entre edredons, piscinas, porres e amassos, não seja cacife o bastante. Nem pros desfiles do Dória.

No fundo, no fundo, a nossa elite não merece o povo de que dispõe, e tem razão: a culpa é do Lula. Esse retirante nordestino, torneiro-mecânico semi-analfa, sindicalista arruaceiro, metido a presidente está incensando a luta de classes. Quiçá a teria inventado. Cogita-se, inclusive, de no Sete de Setembro trocar o Hino ao Soldado pelo samba *Apesar de você*, do Chico, ou até mesmo pela canção de protesto *Pra não dizer que não falei das flores*, do Vandré. A elite esclarecida, farol da modernidade, até começou a treinar, lá na Paulista, no 17 de agosto.

Chama os milicos, que democracia dá uma canseira dos diabos...

Democracia com povo então, ninguém agüenta! Esse negócio de pobre invadindo aeroporto para viajar de avião é do pior mau gosto. Aeroporto e pobre só combinam na faxina, atrás dos balcões da lanchonete, coisas assim. Ou com roupa domingueira, a prole na fatiota, assistindo pousos e decolagens sem fim. Um delírio! Vai que o avião derrapa e bate no terraço...

Também não é de bom tom essa mania de querer emprego, casa, crédito, comida, roupa, educação e prazer. Pensar com a própria cabeça, então, qual é, mano! Ninguém mais pede permissão nem pra votar...! Imagine, daqui a pouco vão fazer passeata para exigir democratização da mídia. Aliás, já tem uma marcada pelos movimentos sociais: dia 05 de outubro, quando vence as concessões públicas da Globo, Bandeirantes e Record – tudo de uma talagada só. Assim não dá!

Há quem ache que o governo deveria aproveitar as lições do “cansei” para fazer eventuais correções de rumo. Afinal, nem sempre se pode contar com uma movimentação de classe média tão destrambelhada. O sertanejo Luciano – o filho do Francisco que faz dupla com o Zezé di Camargo –



sugere novo movimento: “Caguei para o cansei”.

De minha parte, sugiro começar subtraindo o Piauí do mapa. O Zotollo, aquele da Phillips, não vai sentir a menor diferença, a menos que lhe tirem o emprego de executivo da multi. Aí, o governo manda ele passar férias em Teresina, com passagem só de ida, no airbus da Tam. Se chegar inteiro, o governador Wellington Dias (PT) vai recebê-lo com honras de chefe de Estado, e entregá-lo nos braços do povo para um banho de pertencimento e dignidade. O pessoal dos Armazéns Paraíba – maior revendedor da marca no país – já deu um empurrãozinho: limpou da prateleira todos os produtos da marca. Se o boicote pega, dá roque...

Não tenho nenhum amigo engajado nesta horda, que eu saiba. Graças ao Pai! Mas confesso que tenho um quase irmão – no bom sentido da palavra – que, de pronto, se alinhou entre os “cansados”. Parente ninguém escolhe, né não?

Essa coisa de classe média, que acha que chegou lá, e se-não-chegou-ainda-vai-chegar, e tem horror de voltar para de onde veio, e se não veio, não quer ir... Não é preconceito não, minha gente! É conceito, mesmo, dos bons.

Tem experimentado dias de euforia orgástica, o meu primo. Ao ponto de confundir Ali Babá com ladrão, e não saber por que em Cuba não se pratica o iatismo como esporte. É mole!?

É nisso que dá assistir a Globo e a CNN, ler a Folha todo-dia e Veja toda-semana. Perde-se o contato com a realidade, e até mesmo com os sonhos. Pior, perde-se a memória, pra não falar de outras coisas...

Decidi que, doravante, vou chamá-lo de “meu primo Atualpa”. Não o livro, mas o imperador inca (1502-1533), num paralelo às avessas. Consta que, aprisionado pelo invasor Francisco Pizarro, Atualpa previu que a planta da coca traria a ruína aos invasores e ao seu algoz. Errou feio.